

Desafios e Soluções da Sociologia

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D441	Desafios e soluções da sociologia [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-425-2 DOI 10.22533/at.ed.252192506 1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em 2 Volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

O Volume 1 foi dividido em duas partes denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA ENTRE BRASILEIROS E ITALIANOS	
Mariana Bonomo Giannino Melotti Monica Pivetti	
DOI 10.22533/at.ed.2521925061	
CAPÍTULO 2	13
ESCOLA EM DISPUTA: EDUCAÇÃO LIBERTADORA OU EDUCAÇÃO CONSERVADORA?	
Camila Zucon Ramos de Siqueira Siqueira Frederico Alves Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2521925062	
CAPÍTULO 3	28
“A GENTE SABE QUANDO DÁ PRA FALAR E QUANDO NÃO DÁ”: MEDO, SEGREGAÇÃO E SILENCIAMENTOS NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM REGIÕES PERIFÉRICAS	
Maria Izabel Machado Marcelo Bordin	
DOI 10.22533/at.ed.2521925063	
CAPÍTULO 4	45
A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA TRILOGIA <i>ÓPERA DOS MORTOS, LUCAS PROCÓPIO E UM CAVALHEIRO DE ANTIGAMENTE</i>	
Ivonete Dias Marcos Hidemi de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2521925064	
CAPÍTULO 5	54
A VIVÊNCIA FEMININA NA CIDADE: PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER	
Maria Vitoria Silva Cardoso Rosângela Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2521925065	
CAPÍTULO 6	65
LGBTTIFOBIA E RE(VE)LAÇÕES UNIVERSITÁRIAS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO NOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE E A POLÍTICA LGBT	
Claudio Leão de Almeida Junior Danielle Jardim Barreto Fernanda Gracielle Aguiar Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.2521925066	
CAPÍTULO 7	76
MASCULINIDADES VIOLENTAS: LEGITIMAÇÃO E NORMATIVIDADE	
Kety Carla De March	
DOI 10.22533/at.ed.2521925067	

CAPÍTULO 8	85
NAS TESSITURAS DO CORPO E DAS SEXUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR E MICHEL FOUCAULT: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO “A VIA CRUCIS DO CORPO”	
Danila Faria Berto	
DOI 10.22533/at.ed.2521925068	
CAPÍTULO 9	95
O ASSÉDIO MORAL NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: DISCURSO DE MOBILIZAÇÃO E PRÁTICA PREDATÓRIA	
Igor Assoni Monteiro da Silva	
Marilane Carneiro Di Mario	
Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.2521925069	
CAPÍTULO 10	108
O QUE PENSAM AS MULHERES SOBRE ‘SEXO E AS NEGAS’	
Daniela Rocha Drummond	
Nelson Rosário de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.25219250610	
CAPÍTULO 11	123
VIOLÊNCIA NO ÂMBITO FAMILIAR: UMA ANÁLISE ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A VIOLAÇÃO DE DIREITOS NA INFÂNCIA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES ATENDIDAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE – NEDDIJ - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE – CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.	
Amanda Beatriz Louris	
Carla Liliane Waldow Esquivel	
Elizângela Treméa	
Francieli Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250611	
CAPÍTULO 12	133
A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CHE E AS MASCULINIDADES EM CUBA: CONSTITUINDO UM OBJETO DE PESQUISA	
Andréa Mazurok Schactae	
DOI 10.22533/at.ed.25219250612	
CAPÍTULO 13	146
ABUSO SEXUAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DE PROJETOS DE ENFRENTAMENTO NO PARANÁ	
Bruna Regina Battisti	
Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.25219250613	
CAPÍTULO 14	154
BUNDA, CULTURA NACIONAL E MISTIÇAGEM NO BRASIL	
Ana Paula Garcia Boscatti	
Joana Maria Pedro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250614	

CAPÍTULO 15	166
DISCUSSÕES SOBRE IDENTIDADE RELIGIOSA: O CASO DOS PEREGRINOS	
Marcelo Pereira Souza Marcelo Alário Ennes Alessandra Rodeiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250615	
CAPÍTULO 16	182
ENVIOS DE MEMÓRIA EM ELIDA TESSLER	
Isabela Magalhães Bosi	
DOI 10.22533/at.ed.25219250616	
CAPÍTULO 17	188
HERANÇA AFRICANA E MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO: PATRIMÔNIO, ESPAÇO E DINÂMICAS POLÍTICAS NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO	
Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.25219250617	
CAPÍTULO 18	205
MEMÓRIA, SILÊNCIO, ESQUECIMENTO E TURISMO	
Raniery Silva Guedes de Araujo Karla Estelita Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.25219250618	
CAPÍTULO 19	212
PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR JOKES AGAINST BLACK PEOPLE: VIOLENCE AS HUMOR	
Paulo Sérgio de Proença	
DOI 10.22533/at.ed.25219250619	
CAPÍTULO 20	225
QUEM E COMO SE DEFINE O ÉTNICO NA AUTO IDENTIFICAÇÃO “ÉTNICO RACIAL”?: DILEMAS DAS COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.	
Marcos Silva da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250620	
SOBRE O ORGANIZADOR	238

“AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA ENTRE BRASILEIROS E ITALIANOS

Mariana Bonomo

Universidade Federal do Espírito Santo,
Departamento de Psicologia Social e do
Desenvolvimento e Programa de Pós-Graduação
em Psicologia
Vitória – Estado do Espírito Santo/Brasil

Giannino Melotti

Universidade de Bolonha, Departamento de
Ciências da Educação
Bolonha/Itália

Monica Pivetti

Universidade G. d’Annunzio, Chieti-Pescara,
Departamento de Ciências Psicológicas, da
Saúde e do Território
Chieti-Pescara/Itália

RESUMO: Em diferentes contextos e nacionalidades, como Brasil e Itália, inúmeros episódios de banimento e práticas discriminatórias contra integrantes da etnia cigana têm sido verificados, fortalecendo as relações de conflito entre os universos cigano e não cigano. Conhecer a dinâmica constitutiva de tal campo representacional apresenta-se como importante questão a ser explorada para fins de promoção de políticas públicas e programas de intervenção. Espera-se que os resultados gerados possam auxiliar na desmistificação dos estereótipos negativos largamente difundidos no pensamento social hegemônico, núcleo de

preconceito e de discriminação social contra essa etnia.

PALAVRAS-CHAVE: ciganos; estereótipos; preconceito; representações sociais

ABSTRACT: In different contexts and nations, like Brazil and Italy, numerous episodes of the ban and discriminatory practices against members of this gypsy ethnic group have been verified, strengthening the conflict between the Gypsy and the non-Gypsy worlds. Understand the dynamics of such representational field is considered as an important issue to be exploited to promote public policies and intervention programs. It is expected that the results generated will contribute to assist in debunking negative stereotypes widely spread at the hegemonic social thought, core of prejudice and social discrimination against this ethnic group.

KEYWORDS: gypsy; stereotypes; prejudice; social representations

1 | INTRODUÇÃO

“Nas artimanhas da exclusão” (SAWAIA, 2010), as representações sociais como fenômeno de produção dos mais variados objetos sociais, que integram as teorias do senso comum sobre a vida social, apresentam-se como recurso privilegiado para a análise

dos significados associados à mulher cigana. Considerando que a exclusão social se alimenta das diferentes faces da desigualdade, sendo a classe, a etnia e o gênero três categorias-alvo, historicamente, o universo feminino cigano tem sofrido com inúmeros tipos de violência, discriminado em função da pertença de gênero, da etnia e pela condição de pobreza em que vivem muitos grupos ciganos.

Dados históricos revelam que a perseguição a grupos ciganos tem sido registrada ao longo dos últimos séculos, chegando a se configurar como política oficial de extermínio na Europa do século XVI (MOONEN, 2008). Na atualidade, em diferentes territorialidades, como Brasil e Itália, inúmeros episódios de discriminação contra integrantes dessa etnia têm sido verificados (MENDES, 2015; SIGONA, 2006). Em consonância com essa realidade, no imaginário social contemporâneo o povo cigano tem sido representado a partir de elementos estereotipados, cujos significados têm favorecido a difusão de sua imagem como ladrões, amaldiçoados, sujos e traiçoeiros.

Apesar de não existirem dados precisos sobre o início da diáspora do povo cigano, Lermo, Román, Marrodán e Mesa (2006) informam que os linguistas foram os primeiros estudiosos a indicar a sua origem indiana com base nas similaridades entre o romaní, língua falada pelos ciganos, e o sânscrito, com migração a partir da Índia para diferentes partes do mundo antes do ano 1000 dC.

A história de contato entre ciganos e não ciganos está marcada por manifestações de intolerância e violência: na década de 1920, por exemplo, quando leis pronunciavam ciganos e judeus como “raças estrangeiras” de sangue “impuro” e ameaçadoras ao projeto de pureza racial alemã, os ciganos foram deportados à Polônia, aprisionados em campos de concentração e submetidos, de 1943 a 1945, à chamada “solução final”, com o extermínio de mais de meio milhão de ciganos (FONSECA, 1996; MOONEN, 2011).

A categorização com reflexos negativos a que os ciganos estiveram historicamente submetidos tem materializado representações e práticas de exclusão dirigidas aos homens, mulheres e crianças das comunidades tradicionais, os quais têm que enfrentar cotidianamente a marca da diferença por uma identidade social considerada inferior ou até mesmo inexistente (BERTI; PIVETTI; BATTISTA, 2013; MENDES, 2008; VENTURA, 2004). A importante questão que decorre dessa dinâmica de identificação é que no corpo das relações sociais macrossociais, os grupos sociais se inscrevem numa complexa rede onde circulam as representações das diversas formas de organização identitária, umas supervalorizadas e outras tidas como marginais ou inferiores.

Na acepção de Teixeira (2008), a reduzida bibliografia produzida acerca dos ciganos, pode ter favorecido o aparecimento de lendas e de crendices a respeito deste povo, que para Moonen (2011), “constituem a minoria étnica menos conhecida, e, talvez por isso, a mais odiada e discriminada do Brasil” (p. 05). Apesar da falta de informação oficial acerca das comunidades ciganas existentes no território brasileiro, registros indicam que os primeiros ciganos teriam chegado ao Brasil por volta de 1574,

como degredados de Portugal.

As dificuldades relacionadas ao conhecimento preciso do número de ciganos e de sua distribuição territorial também podem ser identificadas em outros países. Dados baseados, portanto, em estimativas, sugerem que os ciganos estejam presentes em todos os países, totalizando uma população de, aproximadamente, 45 milhões de pessoas, mais de dez milhões de ciganos apenas em território europeu, segundo a Unión Romani Internacional. Embora esta população encontre graves problemas em função do preconceito já cristalizado nas sociedades não ciganas em geral (KAYA; ZENGEL, 2005), as lideranças têm se organizado através de instituições que lutam pela questão cigana, como a *Associazione Italiana Zingari Oggi* ou o movimento *Brasil Cigano*.

Tanto no Brasil quanto na Itália, estudos evidenciam processos de desqualificação, criminalização, invisibilidade e desumanização dos ciganos (ANDRADE JUNIOR, 2013; BERTI, PIVETTI, BATTISTA, 2013; GOLDFARB, LEANDRO, DIAS, 2012; LIMA, FARO, SANTOS, 2016; MEDEIROS, 2011; MURTA, SANTOS, SILVA, 2016; SIGONA, 2006), cujos efeitos podem ser verificados no plano das relações cotidianas e na ausência de políticas públicas pró-ciganas.

Permanece, portanto, o preconceito generalizado e as práticas discriminatórias como principais desafios da questão cigana na atualidade, sendo a mulher cigana um dos principais alvos dessa construção social. No imaginário social, em diferentes países e contextos, são elas, as mulheres ciganas, as representantes do povo cigano em geral. Quando se pensa em ciganos, a imagem que logo vem à cabeça das pessoas é a da mulher cigana, com suas roupas coloridas, errantes, fazendo leitura de mão e prevendo o futuro. Scholz (2007) argumenta que o preconceito contra os ciganos debruça-se sobre as relações de gênero, ou “critérios sexistas”, e que “na gestão dos estereótipos correntes, a ‘cigana’ representa ‘os ciganos’ na generalidade” (p. 05), sofrendo um duplo preconceito em função da pertença étnica e de gênero.

Tendo em vista os argumentos apresentados, referenciada pela Teoria das Representações Sociais, a proposição principal do estudo consiste em investigar as representações sociais de ‘mulher cigana’ no Brasil e na Itália como estratégia para a identificação dos elementos presentes no imaginário social não cigano; possivelmente vinculado ao pensamento social hegemônico, o qual tem sustentado historicamente a propagação de estereótipos negativos acerca da categoria étnica cigana, em diferentes sociedades e territórios.

De acordo com Moscovici (1988), as representações hegemônicas são consideradas uniformes, homogêneas, coercitivas e estáveis, amplamente partilhadas pelos membros de um grupo altamente estruturado. Como importantes mediadoras dessas construções sociais, diferentes instituições sociais interveem na reelaboração e difusão dessa modalidade de representações a partir de princípios que já operam nos interesses em jogo naquele contexto, conforme processos de influência social ideologizados pelas históricas relações entre os grupos humanos e o próprio

sistema social, político e econômico vigente. Como informa Cabecinhas (2004), as “representações intervêm ainda em processos tão variados como a difusão e a assimilação de conhecimento, a construção de identidades pessoais e sociais, o comportamento intra e intergrupar, as ações de resistência e de mudança social” (p. 2-3). É desta forma que se constroem estereótipos muito precisos e os associam a determinados grupos, que assumem a condição depositária do mal social nas relações sociais estabelecidas (SOUZA, 2008), condição que se aplica aos ciganos (BONOMO; SOUZA; BRASIL; LIVRAMENTO; CANAL, 2010; MOSCOVICI, 2009).

Na condução dos estudos que fundamentam a presente proposta de investigação, utiliza-se como referência à análise da dimensão empírica apreendida a abordagem sociodinâmica da Teoria das Representações Sociais (ALMEIDA, 2009; DOISE, 2002).

O estudo das representações sociais através dessa abordagem tem como tarefa principal a identificação do campo semântico associado ao objeto social, a análise dos princípios organizadores desses significados (estratégia em que se evidencia a variabilidade do campo representacional, segundo a tomada de posição dos sujeitos da representação) e a análise dos processos de ancoragem (BERTI; PIVETTI; MELOTTI, 2008; DOISE, 1992; DOISE; CLÉMENCE; LORENZI-CIOLDI, 1992). Esse último processo, a ancoragem, permite a articulação entre o objeto social (tal como construído para determinado grupo, em determinado contexto de interação social) e as construções sociais de pertencimento dos sujeitos.

2 | ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Com base nos objetivos propostos, o estudo foi desenvolvido com a participação de 643 sujeitos não ciganos (324 italianos e 319 brasileiros), com idade média de 22.81 anos (DP=5.73), sendo 478 mulheres (256 italianas e 222 brasileiras) e 147 homens (50 italianos e 97 brasileiros). 18 sujeitos italianos não declararam o próprio sexo. A coleta dos dados, realizada na Grande Vitória/Brasil e nas cidades italianas de Bologna e de Chieti-Pescara, foi procedida por meio da aplicação de um questionário em instituições de ensino superior das referidas localidades.

O questionário era composto pelas seguintes questões: 1). Dados sócio-demográficos referentes à: idade, sexo, orientação política e nacionalidade; 2). Associação livre para o termo indutor ‘mulher cigana’ (“O que você pensa, sente ou imagina quando eu falo *mulher cigana*?”); 3). Reação afetiva frente aos ciganos (“Entre os sentimentos indicados, quais você sente em relação aos ciganos?”); e 4). Valores psicossociais (“Entre as características indicadas, quais você possui?”, escolhendo 05 alternativas entre uma lista de 24 valores a partir dos itens do Questionário de Valores Psicossociais (QVP-24) (PEREIRA; CAMINO; COSTA, 2005), para avaliar quatro sistemas de valores (religioso, hedonista, materialista e pós-materialista).

Os dados foram analisados com o auxílio do *software* francês SPAD-T para

análise de dados textuais (LEBART; SALEM, 1994), por meio da análise fatorial de correspondência e de clusterização, realizadas por meio do procedimento ASPAR.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Associadas ao termo indutor ‘mulher cigana’, foram produzidas 3.004 evocações, com média de 4.7 associações por participante. Na Figura 1, apresenta-se a análise fatorial de correspondência entre os fatores 3 e 4 (fatores selecionados para apresentação dos dados), para o campo representacional de mulher cigana, segundo os participantes do estudo.

No terceiro fator (2.07% de inércia), sobre o polo à esquerda, encontra-se a imagem de uma mulher que vivencia uma condição *marginalizada* (c.a. = 3.3) e *desfavorecida* (c.a. = 6.8), em que, por *tradição* (c.a. = 2.5) derivada de uma *cultura* (c.a. = 1.3) *diferente* (c.a. = 2.5) da cultura hegemônica não cigana, encontra-se submetida ao universo masculino no interior do seu próprio grupo (*submetida aos homens*, c.a. = 3.5; *submissa*, c.a. = 4.3; *coagida*, c.a. = 2.4). Com a tarefa de *cuidar da família* (c.a. = 2.7) e dos *filhos* (c.a. = 1.4), trata-se de uma *mãe* (c.a. = 1.6), geralmente jovem (*mãe jovem*, c.a. = 3.4) e com *muitos filhos* (c.a. = 1.3), que desempenha o papel de *chefe de família* (c.a. = 5.1) e *dona de casa* (c.a. = 3.2).

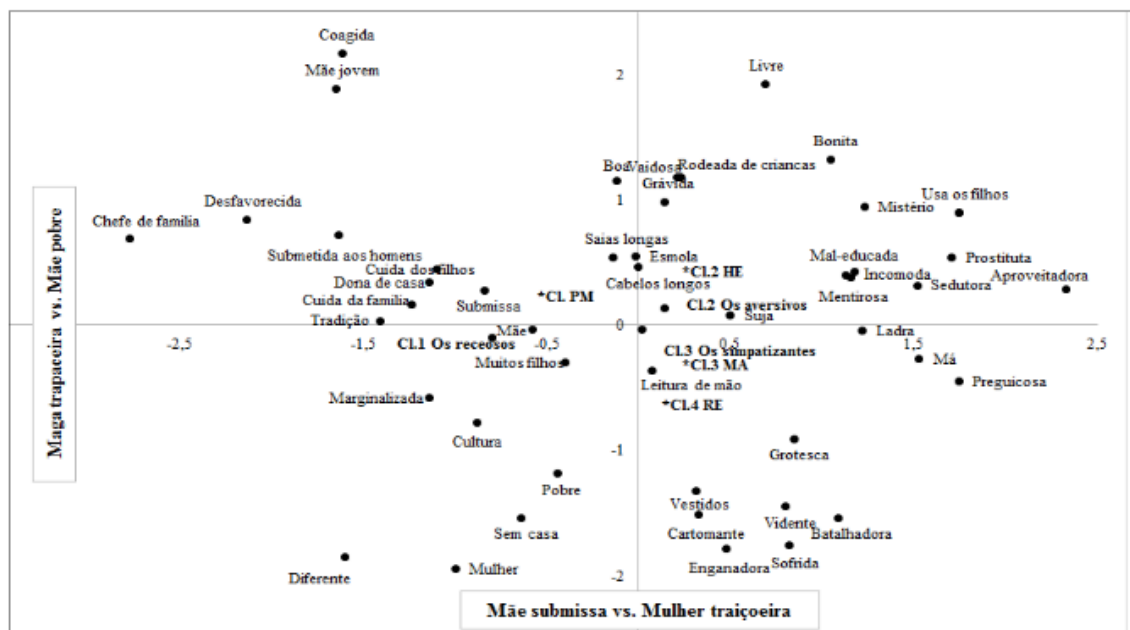


Figura 1. Análise fatorial de correspondência – campo representacional de mulher cigana para brasileiros e italianos não ciganos.

Nota. Análise do cruzamento dos eixos fatoriais 3 e 4.

Para determinar o nível de aceitação das categorias, utiliza-se a regra $c.a. \geq 100/n$ de categorias ($c.a. \geq 1.06$), enquanto que, para determinar o nível de aceitação das variáveis suplementares, utiliza-se o critério $V\text{-test} \geq 121$.

*Cl. 1 PM = Cluster 1 – Valores pós-materialistas; *Cl. 2 HE = Cluster 2 – Valores hedonistas;

*Cl. 3 MA = Cluster 3 – Valores materialistas; *Cl. 4 RE = Cluster 4 – Valores religiosos.

No polo oposto (à direita), contudo, emerge um quadro de significados marcadamente negativos. A cigana é, nesse caso, descrita como *aproveitadora* (c.a. = 4.9), que *usa os filhos* (c.a. = 6.0) para conseguir dinheiro na rua, incomodando (*incomoda*, c.a. = 2.7; *mal-educada*, c.a. = 1.3) as pessoas com suas histórias inventadas (*mentirosa*, c.a. = 3.3) e aparência *suja* (c.a. = 2.3). É, portanto, vista como uma mulher *má* (c.a. = 1.9), que, ao invés de trabalhar (*preguiçosa*, c.a. = 2.0), prefere roubar (*ladra*, c.a. = 3.1) e agir como uma *prostituta* (c.a. = 1.9), seduzindo os homens (*sedutora*, c.a. = 2.7) graças ao poder de sua beleza (*bonita*, c.a. = 2.3) e à capacidade de gerar *mistério* (c.a. = 1.7). Esse eixo foi definido a partir da contraposição entre ‘Mãe submissa’ vs. ‘Mulher traiçoeira’, tendo em vista seu campo semântico característico.

No quarto eixo (1.93% de inércia), no polo inferior, a cigana é descrita como uma *mulher* (c.a. = 3.7) *enganadora* (c.a. = 4.2), porém *batalhadora* (c.a. = 3.2), *sem casa* (c.a. = 2.7), *pobre* (c.a. = 6.7) e *sofrida* (c.a. = 2.5), que trabalha como *vidente* (c.a. = 1.7) fazendo *leitura de cartas* (*cartomante*, c.a. = 4.8) e de *mão* (c.a. = 1.6). Essa é uma mulher que se distingue das demais pela sua *cultura* (c.a. = 1.1) *diferente* (c.a. = 3.6), seus *vestidos* (c.a. = 4.6) e seu comportamento *grotesco* (c.a. = 1.1).

No polo oposto (na parte superior), ainda no Fator 4, retrata-se a imagem de uma *mãe jovem* (c.a. = 4.7), *grávida* (c.a. = 1.4), *boa* (c.a. = 1.3), *bonita* (c.a. = 3.9) e *vaidosa* (c.a. = 1.9), que com seus *cabelos longos* (c.a. = 1.3) e *saias longas* (c.a. = 2.2), caminha pelas ruas *rodeadas de crianças* (c.a. = 5.3), criando um ar de *mistério* (c.a. = 1.1) e de liberdade (*livre*, c.a. = 5.6). Contudo, em função da situação de *desfavorecimento* (c.a. = 1.1), sobretudo econômico, é *coagida* (c.a. = 4.61) a *usar os filhos* (c.a. = 1.7) para pedir *esmola* (c.a. = 3.2). Considerando a polaridade desse fator, este foi nomeado de ‘Maga trapaceira’ vs. ‘Mãe pobre’.

A análise do processo de ancoragem social das representações sociais permite conhecer como os significados construídos acerca de determinado objeto social estão apoiados em experiências compartilhadas pelos sujeitos, segundo seus contextos de inserção (DOISE, 1992), tais como sexo e nacionalidade.

Tendo em vista o campo representacional identificado, contribuem para a construção da ‘mulher cigana’ a partir da imagem da ‘Mãe submissa’ (Fator 3) e da ‘Mãe pobre’ (Fator 4) os participantes de sexo feminino (Fator 3: V-test = -5.9, coord3: -.07; Fator 4: V-test = 3.9, coord4: .04) e aqueles de nacionalidade italiana (Fator 3: V-test = -6.3, coord3: -.13; Fator 4: V-test = 9.0, coord4: .19), enquanto os homens (Fator 3: V-test = 4.8, coord3: .18; Fator 4: V-test = -3.9, coord4: -.15) e os brasileiros (Fator 3: V-test = 6.3, coord3: .12; Fator 4: V-test = -9.0, coord4: -.17) concentraram-se na imagem da cigana como uma ‘Mulher traiçoeira’ (Fator 3) ou uma ‘Maga trapaceira’ (Fator 4). Sobre esse conjunto de resultados, é importante ressaltar os efeitos da identidade de gênero no processo de identificação *sujeito da representação – objeto representado*, posto que as mulheres apresentaram o tema da maternidade, destacaram as relações de gênero desiguais e a condição de marginalização social e pobreza, enquanto os homens manifestaram significados mais estereotipados e negativos, assim como os

sujeitos de nacionalidade brasileira. Talvez, em função de uma maior interação entre a população local e os grupos ciganos, os italianos tenham elaborado uma imagem mais centrada na descrição da condição de vida dos Roma (etnia cigana presente na Itália) (SIGONA, 2006).

A fim de analisar como os sistemas de valores atuam sobre a elaboração das representações sociais de mulher cigana, foi possível identificar 3 *clusters* de sujeitos que correspondem a diferentes reações afetivas em relação aos ciganos (Tabela 1) e 4 *clusters* de sujeitos referentes a diferentes valores psicossociais (Tabela 2).

Conforme dados apresentados na Figura 1, aqueles que mencionaram respostas afetivas mais favoráveis à interação com membros da etnia cigana, os chamados ‘*Simpatizantes*’ (V-test = -2.8, coord3: -.10), bem como os sujeitos ‘*Receosos*’ (V-test = -2.9, coord3: -.05), estão associados à imagem da mulher cigana como ‘Mãe submissa’, enquanto os participantes que apresentaram sentimentos de aversão, os chamados ‘*Aversivos*’ (V-test = 7.2, coord3: .30), contribuem para a elaboração das representações sociais da cigana como uma ‘Mulher traíçoera’.

Cluster 1 Sentimentos negativos (Os receosos) (368 sujeitos)		Cluster 2 Sentimentos negativos (Os aversivos) (121 sujeitos)		Cluster 3 Sentimentos positivos (Os simpatizantes) (147 sujeitos)	
Elementos	V-test	Elementos	V-test	Elementos	V-test
Insegurança	9.19	Desprezo	14.20	Tranquilidade	12.51
Indiferença	6.85	Nojo	10.36	Simpatia	10.81
Desconfiança	5.16	Antipatia	9.40	Admiração	10.46
Tristeza	4.41	Pânico	8.44	Encantamento	8.54
Ansiedade	3.77	Raiva	7.81	Respeito	8.01
Medo	3.32	Aversão	7.01	Afeição	6.37
Curiosidade	3.16	Mal-estar	5.28	Solidariedade	5.82
		Medo	3.97	Empatia	5.51
				Alegria	5.06
				Curiosidade	4.70

Tabela 1. Reação afetiva frente aos ciganos - clusters de sujeitos em função do conteúdo característico

Nota. Listagem dos termos mais frequentes segundo critério V-test $\geq |2|$

Ainda no que se refere à análise do processo de ancoragem psicossocial, em consonância com a literatura da área (PEREIRA; CAMINO; COSTA, 2005), o sistema de valores revela a associação entre religião e misticismo, valores pós-materialistas e os temas da pobreza e das relações de gênero, bem como o recorte ideológico da valorização capitalista produzindo significados que exaltam a aparência e atributos da esperteza, conforme dados apresentados na Figura 1 e na Tabela 2.

Cluster 1 Valores Pós-materialistas (228 sujeitos)		Cluster 2 Valores Hedonistas (98 sujeitos)		Cluster 3 Valores Materialistas (125 sujeitos)		Cluster 4 Valores Religiosos (188 sujeitos)	
Elementos	V-test	Elementos	V-test	Elementos	V-test	Elementos	V-test
Justiça social	8.51	Sexualidade	8.35	Lucro	9.34	Temor a Deus	12.28
Igualdade	7.00	Vida excitante	8.00	Riqueza	7.49	Obediência Deus	11.12
Liberdade	3.87	Prazer	6.99	Status	7.33	Religiosidade	8.59
Responsabilidade	3.47	Alegria	2.77	Auto-realização	4.74	Salvação da alma	5.81
Amor	2.57	Sensualidade	2.55	Autoridade	3.87	Fraternidade	4.59
Real. profissional	2.51	Liberdade	2.49	Real. profissional	3.76		
				Sensualidade	3.30		
				Prazer	2.34		

Tabela 2. Valores psicossociais autoidentificados pelos participantes - clusters de sujeitos em função do conteúdo característico

Nota. Listagem dos termos mais frequentes segundo critério V-test $\geq |2|$

Por meio dos resultados analisados, identificou-se que os sujeitos que apresentam, principalmente, valores do tipo *pós-materialista* estão associados à imagem da cigana como ‘Mãe submissa’ (Fator 3: V-test = -5.2 , coord3: $-.14$) e ‘Mãe pobre’ (Fator 4: V-test = 3.4 , coord4: $.09$). Aqueles que, por sua vez, manifestam sistemas de valores *hedonistas* (V-test = -3.1 , coord3: $-.15$) e *materialistas* (V-test = 3.7 , coord3: $.15$) representam a cigana como uma ‘Mulher traiçoeira’, enquanto os sujeitos *religiosos* (V-test = -4.8 , coord4: $.14$) estão mais ligados à dimensão mística, vendo a cigana como uma ‘Maga trapaceira’.

Considerando o campo semântico identificado, bem como os processos de ancoragem que organizam as representações sociais de mulher cigana entre não ciganos, discute-se a dinâmica constitutiva desses significados, amplamente sustentados em um processo de ancoragem histórica, e sua função para o contexto das relações sociais contemporâneas (MENDES, 2015; MOSCOVICI, 2009; TEIXEIRA, 2008).

O conjunto de resultados encontrados indicou que sujeitos que apresentaram valores *pós-materialistas* e reação afetiva de *receio* ou de *simpatia* em relação aos ciganos contribuíram mais fortemente para a elaboração das representações sociais de mulher cigana a partir do tema da pobreza, da maternidade e de relações de gênero desiguais (‘Mãe submissa’ e ‘Mãe pobre’). O tema da desonestidade e do poder de manipulação (‘Mulher traiçoeira’), por sua vez, esteve associado aos participantes que integram os grupos com valores *hedonistas* e *materialistas*, e ainda quem apresentou sentimentos de *aversão* aos ciganos, caracterizando um núcleo de significação marcadamente orientado pela força do preconceito. Como uma dimensão clássica dos estereótipos associados aos ciganos, o misticismo (‘Maga trapaceira’), como

esperado, foi colocado em relevo no campo representacional a partir de sujeitos com valores *religiosos*, refletindo um trabalho secular de construção social e de práticas excludentes (MOONEN, 2011).

A negação do modo de vida cigano, tido como estranho e ameaçador, é uma das marcas do contato entre as culturas cigana e não cigana em muitos territórios, especialmente no que se refere aos grupos mais tradicionais - que são nômades, vivem em barracas, usam roupas típicas, falam uma língua de domínio exclusivo do grupo, possuem uma cultura com transmissão oral, crenças e regras endogrúpicas próprias (lei cigana como lei suprema), prática da magia (quiromancia), além de fases do desenvolvimento e socialização diferentes das sociabilidades não ciganas (BONOMO; SOUZA; BRASIL; LIVRAMENTO; CANAL, 2010; MENDES, 2008).

No que se refere à imagem mística das mulheres ciganas, das diversas influências que contribuíram para a demonização da imagem dos ciganos, o contato com o cristianismo, certamente, teve e tem expressiva força na constituição do imaginário social associado ao povo cigano (MOSCOVICI, 2009). No século XV, com a chegada dos grupos ciganos na Europa, fundamentalmente cristã, especulações sobre a origem dos ciganos apoiaram-se em credências e escritos bíblicos: foram qualificados como amaldiçoados, vistos como condenados a vagar pelo mundo por descenderem de Caim, por terem negado abrigo a José e Maria na volta do Egito ou por terem forjado os pregos usados para a crucificação de Jesus Cristo (MOONEN, 2008).

Como nômades, nos diferentes lugares em que passavam, assumiam a função religiosa de bode expiatório (grupo depositário), sendo os eternos culpados de todas as mazelas ocorridas com os grupos de contato. Foram, durante os últimos séculos, alvo da igreja, preocupada com formas de magia (a leitura de mãos e a previsão do futuro) praticadas pelas mulheres do grupo. Vistas como portadoras do mal, as mulheres ciganas tiveram parte de sua imagem construída, portanto, na bricolagem *mulher cigana - feitiçaria*, que, sob o martelo das bruxas, muitas foram condenadas e executadas nos tribunais eclesiásticos.

Considerando esse imaginário e sua dimensão valorativa, o que se verifica é que, associados a conceitos fundamentados em estereótipos negativos, atos de *anticiganismo* são recorrentes, em diferentes contextos e nacionalidades (MOSCOVICI, 2009), configurando-se como doutrina de hostilidade e de extermínio, que, ao longo da história do grupo variou de insultos e agressões verbais até escravidão, prisão, deportação, isolamento, integração forçada e genocídio. A questão que decorre dessas construções sociais é que, ainda na atualidade, esses tribunais operam excluindo os grupos ciganos das sociabilidades consideradas legítimas, demonizando seus diversos segmentos étnicos e produzindo efeitos de desumanização e infra-humanização (BERTI; PIVETTI; BATTISTA, 2013), cujo propósito é produzir dinâmicas que justifiquem a violação dos direitos dos povos ciganos; em alguns casos invisíveis às políticas públicas (como no Brasil), e, em outros, alvo de políticas que preveem processos de aculturação ou estabelecimento de fronteiras entre ciganos e não

ciganos (como na Itália).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição central que norteou o desenvolvimento desse estudo consistiu em analisar as representações sociais de mulher cigana entre não ciganos de nacionalidades brasileira e italiana, revelando aspectos das representações hegemônicas acerca do grupo social cigano. Como principais representantes de sua etnia no imaginário social não cigano, as mulheres ciganas foram representadas a partir das temáticas do misticismo, da pobreza, da submissão ao universo masculino e da ideia de desonestidade e trapaça. Verificou-se ainda que sentimentos e valores psicossociais atuam na elaboração dessas imagens, favorecendo a manutenção de preconceito contra membros dessa categoria social.

Como tarefa que desafia o universo tanto da pesquisa quanto da intervenção, sugere-se a realização de novos estudos que aprofundem a análise sobre os processos de ancoragem psicossocial e sua interface com os processos de exclusão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. O. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, v. 24, n. 3, p. 713-737, 2009.

ANDRADE JÚNIOR, L. Os ciganos e os processos de exclusão. **Revista Brasileira História**, v. 33, n. 66, p. 95-112, 2013.

BERTI, C.; PIVETTI, M.; DI BATTISTA, S. The ontologization of Romani: an italian study on the cross-categorization approach. **International Journal of Intercultural Relations**, XXXVII, p. 405-414, 2013.

BERTI, C.; PIVETTI, M.; MELOTTI, G. Dal “public understanding of science” allo “scientific understanding of public”: rappresentazioni sociali del progetto genoma umano. **Psicologia sociale**, n. 2, p. 283-306, 2008.

BONOMO, M.; SOUZA, L.; BRASIL, J. A.; LIVRAMENTO, A. M.; CANAL, F. D. Gadjés em tendas Calons: um estudo exploratório com grupos ciganos semi-nômades em território capixaba. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 4, n. 2, p.160-171, 2010.

CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 125-137, 2004.

DOISE, W. **La forza delle idee – rappresentazioni sociali e diritti umani**. Bologna: Il Mulino, 2002.

DOISE, W. L’ancrage dans les études sur les représentations sociales. **Bulletin de Psychologie**, v. 45, p. 189-195, 1992.

DOISE, W.; CLÉMENCE, A.; LORENZI-CIOLDI, F. **Rappresentazioni sociali e analisi dei dati**. Bologna: Il Mulino, 1992.

- FONSECA, I. **Enterrem-me em pé – a longa viagem dos ciganos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GOLDFARB, M.P.L.; LEANDRO, S.S.; DIAS, M. D. O ‘cuidar’ entre as calin: concepções de gestação, parto e nascimento entre as ciganas residentes em Sousa-PB. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, p. 851-876, 2012.
- KAYA, I.; ZENGEL, R. A marginal place for the Gypsy community in a prosperous city: Izmir, Turkey. **Cities**, v. 22, n. 2, p. 151–160, 2005.
- LERMO, J.; ROMÁN, J.; MARRODÁN, M.D.; MESA, M.S. Modelos de distribución de apellidos en la población gitana española. **Antropo**, n. 13, p. 69-87, 2006.
- LIMA, M. E. O.; FARO, A.; SANTOS, M. R. A desumanização Presente nos Estereótipos de Índios e Ciganos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 1, p. 219-228, 2016.
- MEDEIROS, C. M. **Uma análise da cultura cigana e sua influência no processo de saúde e adoecimento: contribuições para a Estratégia Saúde da Família**. (Trabalho de conclusão de curso em Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- MENDES, M. M. Nos interstícios das sociedades plurais e desigualitárias: a situação social dos ciganos. **Escola Superior de Educação de Viseu**, p. 32-41, 2015.
- MENDES, M. M. **Representações sociais face a práticas de discriminação: ciganos e imigrantes russos e ucranianos na AML**. In V Congresso Português de Sociologia – Mundos sociais: saberes e práticas. Associação Portuguesa de Sociologia. Lisboa, Portugal, 2008.
- MOONEN, F. **Anticiganismo na Europa e no Brasil**. Edição 3, digital revista e atualizada. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2011.
- MOONEN, F. **Anticiganismo na Europa**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.
- MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, n. 18, p. 211-250, 1988.
- MOSCOVICI, S. Os ciganos entre perseguição e emancipação. **Sociedade e Estado**, v. 24, n. 3, p. 653-678, 2009.
- MURTA, J. B.; SANTOS, A. P. C.; SILVA, A. M. M. A invisibilidade cigana no Brasil: que ações podem ser desenvolvidas pelo profissional de serviço social? **MILLCAYAC - Revista Digital de Ciências Sociais**, v. 3, n. 5, p. 205-226, 2016.
- PEREIRA, C.; CAMINO, L.; COSTA, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 1, p. 16-25.
- SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In **As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010, p. 99-129.
- SCHOLZ, R. Homo Sacer e “Os Ciganos”: O Anticiganismo – Reflexões sobre uma variante essencial e por isso “esquecida” do racismo moderno. **Revista Exit!**, n. 4, p. 1-29, 2007.
- SIGONA, N. **Political Participation and Media Representation of Roma and Sinti in Italy**. The Case Studies of Bolzano-Bozen, Mantua, Milan and Rome, OECD Report, 2006.

SOUZA, L. Alteridade, processos identitários e violência acadêmica. In ROSA, E. M.; SOUZA, L.; AVELLAR, L. Z. (Orgs.). **Psicologia social – temas em debate**. Vitória: UFES-ABRAPSO, 2008, p. 169-198.

TEIXEIRA, R. C. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: NEC, 2008.

VENTURA, M. C. S. P. **A experiência da criança cigana no Jardim de Infância**. Braga: Universidade do Minho, 2004.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-425-2

